

GEOGRAFIA E ARTE: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

*Nicole Scassiotta Neves*¹

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

O livro “Espaço, Sujeito e Existência: diálogos geográficos das artes” é uma coletânea organizada por pelo professor Júlio César Suzuki, professor de Geografia na USP, Everaldo Batista da Costa, professor de Geografia da UNB, e por Eduardo Baider Stefani, especialista em políticas públicas e mestre em Geografia pela USP.

A proposta da coletânea é, com uma visão geográfica, analisar a arte, seja na literatura, na música e outras expressões artísticas, como enfatizado na apresentação pelos organizadores.

Apesar de direcionado a estudiosos de Geografia, Arquitetura, Artes, Sociologia e Antropologia, é uma leitura que apresenta um conhecimento variado, verificado pelos temas dos trabalhos que compõem a obra, com embasamento metodológico preciso no tratamento de expressões existenciais do sujeito por meio do espaço que agrega expressões artísticas como a música, literatura, arquitetura e cinema.

A divisão do livro é a seguinte: i) dimensões existenciais e teóricas do espaço; ii) das dimensões geográficas do sujeito na música e iii) dimensões da existência no cinema e na literatura.

O primeiro texto chama atenção por analisar textos literários para a formação de uma representação particular da cidade de Santiago do Chile. O autor informa sobre um concurso denominado “*Santiago en 100 palabras*”, que é realizado anualmente desde 2001 e a partir dele analisou-se 395 textos selecionados entre os anos 2001 e 2008 e 625 micro-relatos não selecionados participantes do concurso de 2006.

O autor encontrou uma concentração espacial e histórica e uma homogeneidade dos lugares que concentram as referências dos contos que participam do concurso. Em suas conclusões, propõe categorias como espaço agregativo e representação resumo para explicar as representações encontradas da cidade de Santiago.

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade de São Paulo. Bacharela e Mestra em Direito pela Universidade de São Paulo. E-mail: nicole.neves@usp.br.

O segundo texto, mais teórico, busca refletir sobre a confluência da geografia com a dimensão estética. Coloca a relação homem e meio como ponto de partida da reflexão que propõe. Ao fim, no ensino da geografia, exorta a aproximação da arte e literatura ao aluno para a percepção de que a geografia está presente em suas vidas e que através da arte seria possível vislumbrar outras maneiras de entender a realidade social e material.

O terceiro texto, coletivo, trata-se de um discurso dado como parte do XII ENANPUR que, apesar da linguagem coloquial traz muita reflexão sobre a forma de pensar a geografia a partir de uma crítica à metafísica. Traz como enunciados da geografia moderna a cartografia, como arte ou ciência de compor mapas enquanto representações descritivo analíticas, em forma de pictografia esboçada em escala menor, e a geografia como arte ou ciência de compor representações descritivo analíticas, sob a forma de conjuntos narrativos escritos ou orais. De forma diferenciada, passa-se a rasurar o conceito de território e ao final, por um exercício-exemplo a partir do discurso de um refugiado somali apresentado em um catálogo da exibição “*Refugee Voices from kakuma*”, parte do projeto multimídia “*Displacements*” da artista plástica Marie Ange Bordas. Com mais perguntas que respostas, o texto gera uma profunda reflexão sobre o próprio pensamento geográfico.

O quarto texto da primeira parte traz um enfoque numa questão muito em voga que é a preservação do patrimônio cultural e histórico, com enfoque em bens do período áureo do ciclo da borracha na Amazônia (1870 a 1910), na cidade de Belém do Pará. Para o trabalho foram selecionadas cinco instituições tombadas e protegidas pelo poder público, considerados ícones representativos dessa época, período de crescimento econômico, com transformações socioculturais na cidade. O texto então analisa as políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio histórico edificado.

O último texto da primeira parte aborda a Fazenda - roça goiana que é debatida como a organização espacial que particulariza a estrutura socioeconômica de Goiás entre o final do século XVIII e início do século XX. A partir da contextualização histórico espacial, a proposição do trabalho e analisar as obras literárias, mais precisamente as regionalistas.

A segunda parte do livro contém mais cinco trabalhos sobre as dimensões geográficas do sujeito na música.

O primeiro deles busca explorar a alma do trabalhador carioca captada com sensibilidade pelo compositor popular a partir dos princípios da geografia humanística. Apesar do acervo extraordinário de canções, o texto consegue trazer alguns dos principais expoentes musicais e analisar algumas das canções de relevância regional.

O segundo texto traz a representação espacial na música “Meu lugar” de Arlindo Cruz. O lugar representado é o bairro da Madureira na cidade do Rio de Janeiro. No trabalho, evidencia-se a presença na música do paradoxo do mundo contemporâneo, de uma trama de contraditórios da produção espacial.

O terceiro trabalho da segunda parte mantém essa aproximação da geografia e música, no caso com a análise das letras das músicas de Gerson Coutinho da Silva, o Goiá, e uma interpretação dos espaços, paisagens e práticas culturais no Cerrado brasileiro, especificamente no Triângulo Mineiro e no Alto Parnaíba. Há uma análise sobre o sertão e a sociobiodiversidade do Cerrado. Nas letras, ainda, há a possibilidade de se analisar a cidade natal do compositor, Coromandel/MG, que contextualiza as transformações daquele lugar. Outro ponto interessante é a menção a garimpos e garimpeiros, que estão ligados a uma nostalgia do compositor.

No quarto trabalho há um debate interessante sobre o lugar Mangueira, em referência ao Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro. Há dois objetivos: compreender outras dimensões da favela da Mangueira no âmbito da Geografia Humanística e mostrar a rica produção musical do morro como agente para diminuição de representações estigmatizadas de seus moradores. Evidencia-se, assim, o importante papel do samba no entendimento do lugar e superação dos preconceitos presentes no imaginário coletivo.

O último trabalho da segunda parte inova no contexto do livro para trazer a questão da dança evidenciando a função social e política dessa forma artística. O estudo propõe uma análise da interpretação da natureza ou construção do ambiente através da obra coreográfica *Frontier* (1935), da coreógrafa americana Martha Graham. É analisada no trabalho a percepção de Graham sobre o espaço da fronteira americana e dos pioneiros americanos com os estudos antropológicos e se tenta verificar aspectos que podem ter influenciado a percepção da coreógrafa a respeito desse ambiente americano, a partir dos estudos do geógrafo Yi-Fu Tuan.

A terceira parte do livro, que trata das dimensões da existência no cinema e na literatura, tem mais cinco artigos.

A pesquisa do primeiro trabalho foi motivada em grande medida pela intenção de discutir a perspectiva que sugere ser o “cinema uma forma de expressão cujos signos conjunam-se com certas questões de interesse de uma Geografia tornada “humanística””. A partir dessa premissa, o artigo analisa uma amostra de obras de Luis Buñuel e Ingmar Bergman, contendo cerca de 30 obras.

O segundo artigo busca delimitar e caracterizar um exemplo consolidado de identidade social coletiva e apropriação espacial contemporânea, constituída pela territorialidade de cinemas de arte e seus frequentadores na Avenida Paulista, em São Paulo/SP. O autor aborda a fundamental importância desempenhada pelo cinema na produção e reprodução do espaço urbano paulistano. O objetivo da pesquisa foi observar como o imaginário e as atitudes dos usuários engendra a manutenção e continuidade da territorialidade objetiva e sua efervescência. Ao longo do texto, abordou-se o histórico do cinema de arte na avenida. O que chama atenção no texto é a análise que faz da situação do Cine Belas Artes.

O penúltimo artigo analisa Macunaíma, de Mário de Andrade, como metáfora do Brasil Moderno no início do Século XX. A partir de lendas, mitos e histórias correlatas à identidade nacional, a autora projeta que Mário de Andrade buscava delinear a realidade temporal e espacial da cidade de São Paulo em 1920.

Por fim, no último artigo da terceira parte e da coletânea há correlação entre a história do Blues e a história em quadrinhos Blues, de Robert Crumb. Descreve-se que na história de quadrinhos se trata de um trabalho informal, não acadêmico, mas que registra uma pesquisa de duas décadas de Robert Crumb sobre o tema. Chama atenção no texto a crítica social inserida no estilo musical, que se confunde com a história do povo negro estadunidense.

Apesar das diversas temáticas abordadas, que podem não agradar a todos os leitores, no mínimo causa uma certa inquietação pela abordagem de um assunto ainda tão incipiente dentro do contexto acadêmico: a junção de ciências consolidadas como geografia, arquitetura, com as artes.

A leitura do livro acrescenta, sem dúvida, conteúdo para reflexões diárias do cotidiano, seja no momento de lazer junto ao aparelho televisivo, seja no caminhar das cidades, ou mesmo na oportunidade de (re)ouvir músicas já conhecidas.

REFERÊNCIAS

SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo Batista da; STEFANI, Eduardo Baider (org.). *Espaço, sujeito e existência: diálogos espaço geográfico das artes* [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, 408 p.

Recebido em 13/12/2020.

Aceito em 22/03/2021.

Publicado em 30/04/2021.